

O que é a morte em *Um país para morrer*, de Abdellah Taïa¹

Luciana Garcia de Oliveira(USP)²

“Eu adoro Paris. É minha cidade. Eu não tenho cidadania francesa, mas ninguém pode me negar este direito. Este pertencimento. Paris é minha cidade, meu reino, meu caminho. Era pra cá que eu queria vir. Fugir. Crescer. Aprender o mundo livremente. Andar sem medo e por todo o canto. Andar. Sempre andar. Me tornar puta. Oficialmente. Assumir isso.” (p. 49)

As palavras de Zahira, marroquina de *Rabat* e protagonista de *Um país para morrer*, retrata com maestria o sentimento de parte expressiva dos imigrantes na França, sobretudo por parte de imigrantes nascidos nas ex-colônias francesas, como a Argélia e o Marrocos. O histórico de uma vida miserável e limitada dos cidadãos desses países contribui para que muitos argelinos e marroquinos idealizem a vida nos grandes centros urbanos ocidentais. Para muitos imigrantes e refugiados, viver em Paris significa viver com liberdade, autonomia e prosperidade.

Em muitos casos, a imigração “da periferia para o centro” requer rupturas importantes de múltiplas identidades. Nesse caso deixa-se para trás algumas identidades como a africana, a árabe e a muçulmana. Rupturas drásticas capazes de matar a história de um indivíduo e fazer renascer uma nova identidade, mais integrada e, também, mais maltratada. Afinal, nas palavras de Taïa, os “países que exploram outros fazem o mesmo com os corpos estrangeiros”.

Em *Um país para morrer*, de Abdellah Taïa, a imigração advém de vários tipos de mortes: a morte física, a morte identitária e a morte por intermédio do esquecimento. Imigrar é escolher um lugar ideal para viver até o fim da vida, um lugar onde supostamente há liberdade para ser o que quiser sem sofrer com julgamentos, censuras e culpas. E, no caso particularmente de Zahira, imigrar significa viver uma vida anônima, sem a imposição moralista sob aqueles que escolheram viver e lucrar com a exploração de seus corpos.

¹ *Um país para morrer*, de Abdellah Taïa, traduzido para o português e publicado no Brasil pela editora Nós em 2021, mesmo ano que venceu o *Pen America Literary Awards*.

² Mestre no Programa de Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo (DLO-USP), pesquisadora associada do Centro de Estudos Judaicos (CEJ-USP) e uma das responsáveis pela tradução da coletânea *Escritos Judaicos*, de Hannah Arendt, lançado pelo selo Amarilys em 2016. Contato: luciana.garcia83@gmail.com.

Em *Reflection on Exile*, Edward Said (2000) reconhece as benesses dos grandes centros urbanos, como Paris e Nova Iorque, para o acolhimento de uma imigração de massas decorrente das políticas imperialistas das grandes potências coloniais como os Estados Unidos e a França. Entretanto, Said faz ressalvas sobre o paradoxo entre a pluralidade das grandes metrópoles situadas no Ocidente e a solidão ocasionada pela marginalização dos estrangeiros, sobretudo daqueles que vieram de realidades tão distantes das tradições ocidentais.

Edward Said e Abdellah Taïa são capazes de concordar que o exílio é uma experiência terrível. Muitos exilados do Oriente Médio e do Norte da África vivem o dilema entre a preservação de suas identidades e a integração necessária para sobreviver dentro do país de acolhimento. Embora imigrantes e refugiados contribuam diretamente para a cultura e a economia dos grandes centros urbanos globais, o exílio, para muitos, ainda é a uma morte lenta e contínua e sem o ritual de passagem. É uma experiência que afasta compulsoriamente milhões de seres humanos de suas tradições, culturas e de seu território (2000, p. 174).

Em muitas ocasiões o sofrimento e a dor da morte iminente não são expressados em palavras. Zahira, a protagonista de *Um país para morrer*, aparentemente é feliz em viver na França. Entretanto, por trás de sua declaração de amor por Paris existe uma vida invisível de exploração, humilhação e violência decorrente da prostituição. E, por mais, que Zahira se sinta integrada ao ocidente, em muitos trechos das narrativas de Taïa é possível se deparar com a afirmação inconsciente da identidade árabe e marroquina, seja através da comida que Zahira oferece ao seu círculo de amigos, seja através do idioma árabe pela qual se comunica com seus compatriotas que vivem na mesma situação de marginalização e de invisibilidade em Paris.

A obra de Abdellah Taïa conta a história de imigrantes muçulmanos do Norte da África e do Oriente Médio que vivem em Paris por diversas razões de ordem política e pessoais. Os imigrantes do livro, assim como a maior parte dos imigrantes do mundo, idealizam Paris, a “cidade luz” que ilumina, mas que ofusca as suas múltiplas identidades étnicas e religiosas. A protagonista Zahira, se sente livre em Paris, “estou livre. Em Paris e livre. Ninguém para me fazer voltar ao meu status de mulher submissa” (p. 9).

A condição de mulher muçulmana, de uma família tradicional de *Rabat*, sugere uma vida permeada por limitações desde o nascimento. Exatamente a mesma realidade de tantas mulheres africanas e muçulmanas que são submetidas as tradições de uma sociedade patriarcal. Uma realidade pela qual o sexo é concebido tão somente dentro do matrimônio, em muitas

ocasiões, dentro de um casamento arranjado pelo próprio círculo familiar. Fora do casamento o sexo é impensável, é considerado *Haram* (pecado) muito grave. Já imaginou se alguém souber que Zahira tem relações sexuais frequentes desde o tempo em que vivia no Marrocos? Zahira já fazia programa em *Rabat* de forma clandestina. Em Paris, parte da renda de sua prostituição sustenta a sua família no Marrocos que não sabe de nada. Se souberem, Zahira pode morrer Pelo menos na memória daqueles que ficaram.

Esse também poderá ser o destino de um jovem imigrante transexual argelino que realizou sua transição sexual e de gênero em Paris. Quando ainda era conhecido como Aziz, na Argélia, gostava de brincar de boneca e de se maquiar como as suas irmãs. Antes mesmo da cirurgia de transição, Aziz tornou-se garoto de programa em Paris. O seu corpo era continuamente explorado sob o atrativo de sua identidade árabe. “Eu me prostituía vestido como um garoto árabe meio selvagem de lá, da Argélia. Era disso que eles gostavam, os clientes, que eu cheirasse à aldeia, à selvageria da aldeia, como adoravam dizer” (p. 46). Enquanto Paris explorava a sua condição “exótica do mundo árabe”, Aziz morria gradualmente e, em seu lugar, nasceu uma nova identidade e um novo indivíduo, Zannouba.

Justamente esses dois personagens, árabes e muçulmanos, que se prostituem em Paris, são sumariamente usados pela cidade que os maltrata e os explora para fins de entretenimento de homens brancos franceses. Exatamente do mesmo modo como a França colonizou os países do Norte da África, os franceses continuam a explorar os corpos de imigrantes árabes e muçulmanos e a assassinar suas identidades e as esperanças de um exílio digno e confortável após uma vida de muita miséria, sacrifícios e abnegações na terra natal.

Um país para morrer é uma metáfora para múltiplas mortes e para o renascimento de muitas vidas.

Nesse caso, as duas prostitutas de Paris viviam sob uma identidade negada já em suas terras ancestrais. No Marrocos e na Argélia, Zahira e Zannouba, não conseguiam viver plenamente como mulher. Zahira não existia como uma puta no Marrocos, assim como Zannouba não existia como uma mulher na Argélia. A morte de Aziz argelino e de Zahira marroquina decretou o renascimento de Zahira e Zannouba prostitutas de Paris. Contudo, ambas estão mortas pelas suas famílias e pelos seus vizinhos de aldeia. O amor por Paris infelizmente não é correspondido. Zahira e Zannouba, assim como uma multidão de imigrantes e refugiados árabes e muçulmanos, simplesmente não existem, eles estão mortos em Paris.

